

**PRESENÇA COREANA NA FRONTEIRA ENTRE FOZ DO IGUAÇU E
CIUDAD DEL ESTE**

KATARINA KRISTIE MARTINS LOPES GABILAN

Foz do Iguaçu
2022



PRESENÇA COREANA NA FRONTEIRA ENTRE FOZ DO IGUAÇU E CIUDAD DEL ESTE

KATARINA KRISTIE MARTINS LOPES GABILAN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Integração Latino-Americana
(UNILA), como requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em Ensino de História e América Latina

Orientador: Prof. Dr. Clécio Ferreira Mendes

Foz do Iguaçu

2022

AGRADECIMENTOS

Em 2019 sonhei estudar na UNILA, e portanto, agradeço quem me ensinou a sonhar no mundo acadêmico: professora Claudia Mortari. Eu nunca vou ter palavras para descrever seu impacto e transformação na minha existência.

Agradeço imensamente ao professor Gerson Galo L. Meneses que me recebeu em sua casa durante o período de matrícula na especialização. Graças ao Gerson e sua família (conheci a família de porquinhos da índia mais fofo do planeta) tive uma estadia em Foz do Iguaçu com muito carinho. Saudades da casa-museu mais linda que já entrei, o repertório de músicas novas que me apresentou, as comidas gostosas e as risadas. Gerson e Fagner obrigada por me receberem tão bem.

Keum Joa Choi (최금좌) por se solidarizar com a pesquisa me enviando seus trabalhos acadêmicos, obrigada pelo incentivo.

Agradeço imensamente ao professor Clécio Mendes por aceitar me orientar. Professora Tereza Spyer e professor Christian Moura por participarem da minha banca e permitir que eu observasse as possibilidades dentro do meu tema.

Iniciar e concluir as disciplinas da Especialização só foi possível com o notebook da professora Ana Luíza Andrade, obrigada Ana! Encontrei desafios em realizar o curso de forma remota durante a pandemia do COVID-19 mas também encontrei muita solidariedade do início ao fim do caminho. Gracias amigas.

RESUMO

Este trabalho tem a intenção de pensar a presença da comunidade de descendência coreana na região da fronteira entre Brasil/Foz do Iguaçu e Paraguai/Ciudad Del Este. Nesse sentido, o artigo abrange os estudos referentes à história da imigração dessa população na região e sua singularidade enquanto espaço fronteiriço. A pesquisa faz um deslocamento para a atualidade procurando os locais com maior presença da comunidade na fronteira, identificando especialmente a presença da igreja protestante e a atuação no comércio local. O atual trabalho tem a intenção de fazer um panorama investigativo passando pelas principais pesquisas encontradas, bibliografias e contextualizando a presença atual da comunidade coreana na região, procurando ainda um possível paralelo com estudos já desenvolvidos no sudeste do Brasil.

Palavras-chave: História da América Latina; História Local/Regional; Relações fronteiriças, Memória e História; Imigração coreana

SUMÁRIO

1. Introdução: diálogo com a diversidade	6
2. Comunidade coreana em movimento: Sobre a imigração.....	9
3. Conexão Paraguai-Brasil.....	12
4. Relações na fronteira: a Igreja Coreana e o comércio fronteiriço	18
5. Conclusão.....	26
REFERÊNCIAS.....	27
FONTES DOCUMENTAIS	28
ANEXOS.....	29

1. Introdução: diálogo com a diversidade

Todo canto do mundo onde há presença de pessoas é movimentado e transformado pela incorporação de culturas e histórias. Pessoas, grupos ou comunidades circulam entre as fronteiras e também a alteram com seus próprios passos. A região da Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina é marcada pela diversidade étnica de populações residentes entre Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú. Este trabalho tem a intenção de pensar a presença da comunidade de descendência coreana na região entre Brasil e Paraguai.

De todas as tríplices fronteiras do Brasil, o encontro entre Brasil, Paraguai e Argentina é notória por possuir grande relevância econômica e demográfica: Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad Del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina) somam juntas uma população de mais de 600 mil habitantes, levam ainda como divisória os rios Iguaçu e Paraná, interligando-se pelas Pontes da Amizade e Tancredo Neves. A região de Tríplice Fronteira, além de ser composta por pessoas de outras regiões do próprio Brasil, Argentina e Paraguai, é também habitada por pessoas vindas de outros continentes, com destaque para “os asiáticos e os árabes, cujas colônias contabilizam dezenas de milhares de indivíduos” (CARNEIRO, 2014, p. 67).

A presença da diversidade na região de Tríplice Fronteira acaba nos trazendo inevitavelmente a questão da ausência. No caso da população coreana, vemos uma invisibilidade desde o campo acadêmico, midiático, ao campo cultural e do entretenimento. Como exemplo, pouco se encontra nos canais midiáticos sobre a presença da comunidade coreana em Foz do Iguaçu e as histórias dessas populações na região da fronteira.

Uma das poucas notícias encontradas nos remete a recepção desempenhada por brasileiros e paraguaios sul-coreanos à seleção de futebol da Coreia do Sul. Em 2014 a seleção da Coreia teve Foz do Iguaçu como Centro de Treinamento da Copa do Mundo. Consequentemente, mobilizou a comunidade da fronteira. A informação saiu em mídias jornalísticas como o G1, Globo Esporte e jornais locais que expõem que a seleção sul-coreana chega a Foz do Iguaçu com flores e festa da comunidade com mais de 200 pessoas, entre elas pessoas de Foz e Ciudad Del Este, especialmente da comunidade coreana.

Apesar da presença, pouco sabemos sobre a história e cultura da comunidade na região, este fato mexeu intimamente comigo. Tenho uma história de contato com a cultura coreana que se iniciou principalmente a partir de 2012, quase metade da minha vida. Morei em Foz do Iguaçu no ano de 2020 e fui embora poucos meses depois do início da pandemia do COVID-19. Ao chegar pela primeira vez na Ciudad Del Este pude notar a comunidade inserida nos

comércios e reconheci o idioma coreano falada nas ruas. Já haviam me contado sobre a forte imigração e a diversidade na tríplice fronteira, entretanto, eu desconhecia a existência da comunidade coreana.

Me parecia estranho estar na fronteira enquanto estudante de história e não saber nada sobre as comunidades da região, e principalmente, acompanhar as histórias das Coreias, ser admiradora da cultura sul-coreana e não reconhecer a história local. Esse incômodo com o desconhecimento só se tornou intenção de pesquisa um ano depois. Na época, por conta da pandemia, eu já não residia na fronteira, entretanto, foi quando comecei a elaborar problemáticas que pudessem ser pesquisadas. Vi a oportunidade de movimentar uma pesquisa com o propósito de reunir bibliográficas sobre o tema e destacar a presença da comunidade coreana na região da fronteira.

Antes de atravessar a fronteira e visitar o Paraguai, pude ver a Ciudad Del Este (Cidade do Leste) pela primeira vez com a vista proporcionada pelo Templo Budista Chen Tien (Foz do Iguaçu/Brasil), templo construído pela comunidade taiwanesa com início em 1996, seguindo a tradição do Budismo Terra Pura Chinês. Foi com o olhar sorridente de Buda no templo budista de Chen Tien em direção a Cidade que pude notar a quantidade de histórias e culturas que circulam entre a fronteira, a serem conhecidas, celebradas e respeitadas entre as duas cidades.

Foi essa perspectiva a partir do templo que me interessei em entender: quais as histórias que circulam entre os lados do Rio Paraná? Depois da visita ao Paraguai, me questionei se o templo budista também seria um local de acolhimentos para os coreanos budistas ou se existia de fato uma comunidade expressiva de coreanos budistas na diáspora como existe na Coreia do sul. Posteriormente, essas e outras perguntas me motivaram ao interesse inicial em desenvolver a pesquisa, entre elas: se a população imigrante coreana e seus descendentes constituem uma comunidade integrada na região de Cidade do Leste (Paraguai) e Foz do Iguaçu (Brasil). Verificar a existência de espaços de convivência entre a comunidade. Além disso, quais as possibilidades de celebração, afetos, redes de solidariedade e sociabilidades entre a comunidade com descendência coreana entre Brasil e Paraguai?

O trabalho partiu da hipótese de que existem espaços, histórias e memórias a serem acessadas que nos permitem compreender os espaços de relação constituídos por imigrantes coreanos na região da fronteira, levando em conta que pessoas, como em todos os cantos globais em qualquer circunstância: vivem, existem, se expressam, são protagonistas, se movimentam e relacionam-se no e com o mundo. Por fim, a atual pesquisa desenvolvida trouxe

o comércio local fronteiriço e a igreja coreana como os dois pontos que nos possibilitam pensar a presença da população pertencente à comunidade coreana na região.

Figura 1: Vista para a Ciudad Del Este a partir de Foz do Iguaçu.



Fonte: Acervo pessoal, 2020

Não existem muitas informações, documentos ou trabalhos disponíveis sobre o tema na região da fronteira, sendo os principais trabalhos sobre a comunidade coreana centrada no eixo sudeste, especialmente São Paulo e Brasília. Entretanto, o atual trabalho tem a intenção de fazer um panorama investigativo passando pelas principais pesquisas encontradas e contextualizando a presença atual da comunidade na região.

Gostaria de destacar a Professora Keum Joa Choi e seus trabalhos, principalmente “Além do Arco-Íris: A Imigração Coreana no Brasil” de 1991. Suas produções acadêmicas foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. No início do curso, ao fazer o projeto da pesquisa, tive como proposta inicial um trabalho em torno de entrevistas. Gostaria de destacar o trabalho intitulado “Memórias em fluxo: Vivências e perspectivas da imigração sob o olhar de descendentes coreanos em Brasília” (2018), de Bárbara Barreto de Carvalho, que ao longo do primeiro ano de pesquisa serviu como inspiração para pensar a imigração a partir do olhar de descendentes coreanos em Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este.

Infelizmente, o trabalho com entrevistas não se realizou por conta de consequências relacionadas a pandemia do COVID-19, entretanto, mesmo não sendo possível no atual trabalho, declaro aqui a admiração pelo trabalho “memórias em fluxo” por conta de sua importância e sensibilidade. Principalmente por pensar que um trabalho nos mesmos moldes na região da fronteira é urgente para o conhecimento de uma comunidade expressiva de

coreanos, paraguaios e brasileiros de descendência coreana cujas histórias permanecem desconhecidas para o restante da sociedade.

2. Comunidade coreana em movimento: Sobre a imigração

Durante todo o século 20, a Coreia viveu diferentes contextos históricos (crises econômicas e políticas, guerras, etc.) que ocasionaram a imigração e consequentemente constituiu-se diáspora coreana pelos continentes, marcando mais de 7 milhões de pessoas que vivem fora da Coreia. Movimentos da população coreana vivenciaram processos de múltiplas mobilidades: do Paraguai à Argentina, da Argentina ao Brasil ou vice-versa, da Bolívia ao Brasil. Também do Cone Sul ao Canadá ou dos EUA, da Europa aos EUA e Canadá, da Austrália, Oriente Médio e Sudeste Asiático à América.

O estudo de Carolina Mera (2011) cita uma “rede de circulação” e a existência de “bairros coreanos/*koreatowns*” que facilitam as conexões e movimentos tornando: os processos remigratórios continuidades daquele movimento original iniciado por famílias quando deixaram a Coreia (MERA, 2011, p. 53). Conectando a Coreia com parentes e amigos nas diásporas, mobilizando imigrações em diferentes contextos e perspectivas. Na pesquisa de Mera (2011), cita-se que as redes que conectam as diásporas e a Coreia do Sul, se formam tendo em perspectiva sobretudo serviços como restaurantes, escolas, imóveis, trabalho, etc. Essa perspectiva nos informa sobre o caráter transnacional da imigração coreana, essa noção é fundamental para a compreensão da região da fronteira Paraguai-Brasil, voltaremos com essa discussão mais a frente após um breve histórico sobre a imigração coreana.

Os dados do Ministério das Relações Exteriores da República da Coreia expressa que em 2007 cerca de 50.523 pessoas de origem coreana habitam legalmente a região do Brasil, principalmente entre os estados de São Paulo, Distrito Federal, Paraná, Ceará e Amazonas¹, é de conhecimento geral o fato de que São Paulo é a grande porta de entrada e também, concentra a maior comunidade coreana no Brasil, como exemplo temos o bairro Bom Retiro, que além de ter recebido uma expressiva comunidade de descendência coreana também abriga imigrantes da região da América Latina.²

¹ Dados disponíveis no site do ministério das relações exteriores: http://www.mofa.go.kr/travel/overseascitizen/index.jsp?mofat=001&menu=m_10_40

² Para compreender mais sobre esse tema, indicamos a leitura da dissertação de mestrado de Edson Viggiani Junior intitulada “Bom retiro, Imagens, Culturas e Identidades”, disponível em: [Bom Retiro: imagens, culturas e identidades \(usp.br\)](http://www.usp.br/bomretiro)

A imigração coreana para a região do Brasil ocorreu em diferentes momentos históricos. Choi (1991) expressa que a imigração coreana pode ser dividida em cinco fases que vão de 1910 a 1980 em diante, com características distintas em cada fase. Antes de entrarmos nas datas mais importantes para o atual trabalho, vamos conferir as cinco fases em concordância com a interpretação de Keum Joa Choi: primeiro período é marcado pela chegada de coreanos naturalizados japoneses e fugitivos da Guerra da Coreia (1910- 1956); segunda (1956-1962) e terceira (1962-1973) destaca-se a chegada dos membros da delegação oficial responsável pela organização do movimento migratório e sucessivamente a chegada oficial dos imigrantes; quarta fase é marcada pela proibição do ingresso de novos imigrantes coreanos em solo brasileiro, e com isso a chegada de imigrantes não documentados (1972-1980). A última fase é marcada pela entrada de imigrantes convidados por familiares já estabelecidos em São Paulo.

A primeira fase se refere ao período histórico no início do século 20 com a ocupação imperialista japonesa do território coreano em 1910. A península coreana foi marcada por instabilidade política, conflitos políticos, econômicos e sociais durante todo o século 20, consequentemente, no mesmo século se deu o início da Diáspora Coreana ao redor do mundo. De acordo com a historiadora Keum Joa Choi:

Ao longo do século XX, os conflitos ditaram as ondas migratórias coreanas, antes deste período poucos cidadãos coreanos haviam deixado seu país, este cenário muda drasticamente com a colonização japonesa (1910-1945), sob diversas perseguições, o povo coreano deixa seu país e parte para a Rússia, Manchúria, Japão, e alguns para os Estados Unidos (MINEO; ARAÚJO, p.5-6, 2019 apud CHOI, 1991)

De acordo com o trabalho “Estudos Asiáticos no Brasil: contexto e desafios” de Henrique Altemani de Oliveira e Gilmar Masiero, em 1961 foi criada uma “associação de emigração” na Coréia do Sul. Em 1961 a Coreia passou por um golpe militar comandado por Park Chung Hee, nesse contexto a imigração sul-coreana vira interesse de camadas da sociedade:

Dessa forma, chegaram ao Porto de Santos, em fevereiro de 1963, um grupo de 103 sul-coreanos e, em novembro do mesmo ano, mais um grupo de 350 pessoas. Estes grupos foram assentados nas proximidades de Guarulhos e Mogi das Cruzes, no Estado de São Paulo. No ano seguinte, outros dois grupos, totalizando 635 sul-coreanos, chegam ao Brasil e se instalam em São Paulo e no Rio de Janeiro. Nos anos de 65 e 66 mais 1.065 chegaram ao Paraná e outros 3.032, que chegaram entre os anos de 67 e 70, permanecem em São Paulo. O maior número de imigrantes, 4.028, chegou ao Brasil em 71 e 72. Após esta data, de acordo com Choi, registram-se ainda outros 752 entre 73 e 79 e mais 848 entre 80 e 85. Além do Brasil, os Estados Unidos, Canadá, Austrália e África do Sul eram as opções dos emigrantes sul-coreanos. O

Brasil, naquela época, mais industrial e economicamente mais desenvolvido que a Coreia do Sul, apresentava-se como uma opção possível. O êxito da emigração japonesa em anos anteriores também contribuiu para que o interesse do governo e do povo coreano pelo Brasil fosse grande (Oliveira; Masiero, 2005)

Em nossa pesquisa pensando na região de fronteira, resolvemos nos concentrar nas datas mais importantes entre as fases da imigração coreana para o Brasil. Existem registros da chegada de imigrantes pré-guerra com passaporte japonês, considerados os primeiros a se estabelecerem no país em meados de 1923 e 1926, entretanto, a primeira imigração oficial. Como demonstram as principais pesquisas sobre a imigração coreana: ocorreu em 12 de fevereiro de 1963 com a chegada de 103 imigrantes coreanos ao porto de Santos, em São Paulo. Este processo migratório se inicia nos anos 60 como parte de um projeto coreano que visava a emigração de 100.000 coreanos para diversas partes do mundo num período de cinco anos (CHOI, 1991), o governo brasileiro e seu então presidente Jânio Quadros apoiou o projeto permitindo a entrada de 500 famílias coreanas, cedendo terras para a prática da agricultura.

De acordo com os dados, a comitiva era formada por 17 famílias, 92 pessoas e 11 militares a serviço da Companhia de Promoção de Cooperação entre Coreia e Brasil, marcando o início de um processo migratório para outras partes do Brasil, como expressa Carvalho (2008):

Os anos seguintes, não diferentemente, acabaram sendo marcados pela chegada de cada vez mais imigrantes em estados como Espírito Santo e Paraná. Essas famílias que desembarcavam no país dispoendo de alguma quantia de dinheiro para investir na atividade agropecuária, logo se viram frustradas no setor, já que em maioria, as terras negociadas e cedidas por parte do governo brasileiro, eram inférteis. (CARVALHO, 2008, p. 4)

Os registros indicam que a frustração das terras inférteis levou essas pessoas a começarem a imigração interna em busca de oportunidades de trabalho. Ou seja, é nesse contexto que a cidade já industrializada de São Paulo se torna a grande rota, relacionando-se principalmente às confecções de roupas³.

Em resumo, a imigração acordada entre o Brasil e a Coreia do Sul foi iniciada em 1963 com o estabelecimento da população na região do campo, entretanto, logo a população se mudou para os ambientes urbanos até o fim do acordo de imigração. Entretanto, a imigração sul coreana continuou a imigrar no decorrer dos anos de forma marginal até fins dos anos 80.

³ Sobre a imigração e a relação com a confecção, fundamental para a história da comunidade de descendência sul-coreana na região de São Paulo, indicamos o trabalho de Jung Yun Chi (2016) intitulado "Formação do polo atacadista de moda feminina de pronta-entrega no bairro do bom retiro, São Paulo".

Fukumoto (2017) expressa que Foz do Iguaçu e Ciudad del Este foram a principal rota dessa imigração marginal.

A imigração coreana no Brasil a partir da década de 1970 caracteriza-se pelo fim do processo de imigração oficial e pela entrada ilegal de imigrantes. A fase é marcada pela proibição do ingresso de novos imigrantes coreanos em solo brasileiro, e com isso se deu a chegada de imigrantes não documentados. No trabalho “Narrativas da imigração coreana em Foz do Iguaçu” iniciado pelo já graduado Lucio Fukumoto do curso de Antropologia e Diversidade Cultural na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), é exposto o seguinte:

Os registros da quarta maior comunidade sul coreana do mundo se encontra **extremamente prejudicada**, constando apenas os nomes dos que imigraram ao Brasil de 1963 a 1965 e dos aproximadamente 20.000 anistiados na década de 80, a pouca história registrada dos imigrantes ilegais se concentra na história de sua principal comunidade na capital de São Paulo, passando em branco por outros centros como a tríplice fronteira (FUKUMOTO, 2017, p. 3).

Apenas dos registros prejudicados sobre a comunidade coreana na região da tríplice fronteira, podemos buscar essa presença a partir de algumas análises, entre elas, as circulações migratórias e o comércio fronteiriço, como será analisado mais adiante. Os anos 70 e 80 são importantes para compreendermos a imigração para Ciudad Del Este, portanto, é nesse tema que falaremos a seguir.

3. Conexão Paraguai-Brasil

De acordo com In Shik Woo⁴, embaixador da República de Coreia no Paraguai, atualmente há uma comunidade de aproximadamente 5.000 coreanos no Paraguai. A imigração coreana para a região teve início em 1965. O estudo de Park Chae Soon expressa que a comunidade coreana chegou no Paraguai/Assunção em 22 de abril em 1965, saindo do porto de Busan (Cidade na Coreia do Sul), entrando pelo mar na Argentina e viajando por terra até Assunção.

De acordo com Park Chae Soon: “Até agora, cerca de 150.000 pessoas de origem coreana passaram do Paraguai para países terceiros, como Estados Unidos, Brasil, Argentina e outros, e lá se estabeleceram” (PARK, 2017, p. 17). A historiadora Choi (1991) expressa que a partir de 1970, o Paraguai e outros países sul-americanos eram utilizados como local de

⁴ Entrevista disponível em: ["Coreia selecionou o Paraguai como país de Aliança Estratégica de Cooperação" - IRIP Instituto.](#)

passagem para outros países. O Brasil era um desses destinos⁵, passando pelo Paraguai com o objetivo de estabelecer-se no Brasil.

As pessoas que arriscaram-se atravessar as fronteiras brasileiras tinham como principal objetivo a oportunidade de trabalho na capital paulista, considerada a grande metrópole industrial. Muitos coreanos tinham o objetivo final de chegar aos Estados Unidos, entretanto, como expressa Choi:

Não eram todos os coreanos que reuniam as condições necessárias para poderem emigrar nos EUA, como sonhavam. Os negociantes e os pequenos proprietários independentes tiveram que tomar diferentes rumos, e muitos escolheram, por exemplo, o Paraguai. Entre 1975 e 1977, 10.329 pessoas fizeram tal opção. Esse número pode, em parte, ser explicado pelo fato de ter o Brasil e a Argentina também limitado a entrada de coreanos em seu território (CHOI, 1991, p. 27)

Alguns viam o Paraguai como uma estratégia para posteriormente alcançar o alvo principal (Estados Unidos), muitos tinham o intuito de atravessar a fronteira via Paraguai e chegar clandestinamente para o Brasil em direção a São Paulo. De toda forma, Paraguai e Brasil no contexto dos anos 70 permaneciam sendo “pontos de passagem” já que Estados Unidos era o principal alvo de destino para a população coreana. Abaixo trecho extraído do jornal O Estado de S. Paulo de 1982, relatando a chegada de coreanos que chegam ao Brasil por via do Paraguai em busca de “uma nova vida”:

Figura 2



Fonte: O Estado de S. Paulo. Edição: 19 de setembro de 1982, Página 36.

A fonte do jornal acima, ao explicar a presença de coreanos no mercado de confecção em São Paulo, destaca que “a maior parte dos clandestinos chega ao Brasil pelo Paraguai, em busca de nova vida, o sonho de conquistar a América”.

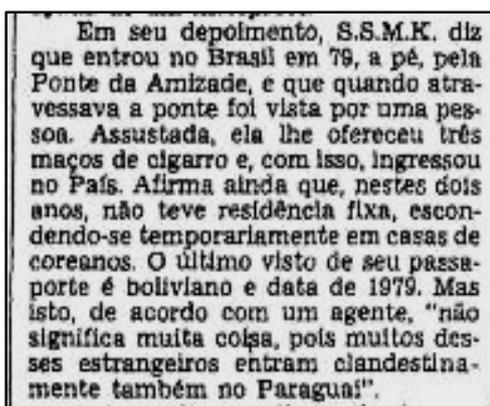
Choi Keum Joa (1991) nos apresenta o caminho percorrido do Paraguai até a capital paulista. Em seu estudo conseguimos perceber alguns aspectos importantes. Primeiramente, a população que partia de Assunção (Paraguai) tinha duas rotas e ambas passavam pela Ciudad

⁵ Indicamos o trabalho de Choi para acesso e conhecimento sobre as entrevistas com pessoas coreanas e seus obstáculos na imigração.

Del Este e Foz do Iguaçu, sendo a **rota 1**: Foz do Iguaçu-Cascavel-Curitiba-São Paulo e **rota 2**: Foz do Iguaçu-Cascavel-Maringá-Londrina-São Paulo.

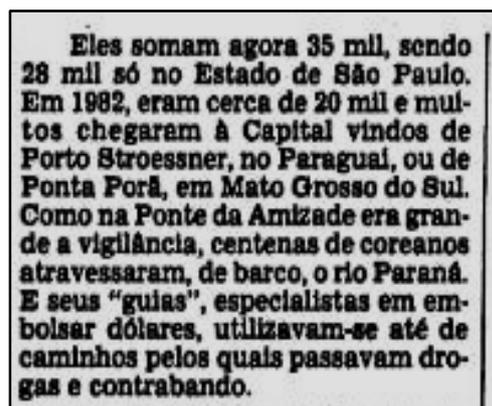
A população coreana partia de Assunção em direção ao Porto Stroessner, atravessava a ponte da amizade para chegar à Foz do Iguaçu em território brasileiro. Segue abaixo a imagem do jornal O Estado de S. Paulo com depoimento encontrado sobre uma das pessoas que fez a travessia a pé da ponte da amizade e trecho que relata a passagem pelo Porto Stroessner:

Figuras 3 e 4:



Em seu depoimento, S.S.M.K. diz que entrou no Brasil em 79, a pé, pela Ponte da Amizade, e que quando atravessava a ponte foi vista por uma pessoa. Assustada, ela lhe ofereceu três maços de cigarro e, com isso, ingressou no País. Afirma ainda que, nestes dois anos, não teve residência fixa, escondendo-se temporariamente em casas de coreanos. O último visto de seu passaporte é boliviano e data de 1979. Mas isto, de acordo com um agente, "não significa muita coisa, pois muitos desses estrangeiros entram clandestinamente também no Paraguai".

Fonte: O Estado de S. Paulo.
Edição: 06 de fevereiro de 1982, página 38



Eles somam agora 35 mil, sendo 28 mil só no Estado de São Paulo. Em 1982, eram cerca de 20 mil e muitos chegaram à Capital vindos de Porto Stroessner, no Paraguai, ou de Ponta Porã, em Mato Grosso do Sul. Como na Ponte da Amizade era grande a vigilância, centenas de coreanos atravessaram, de barco, o rio Paraná. E seus "guias", especialistas em embolsar dólares, utilizavam-se até de caminhos pelos quais passavam drogas e contrabando.

Fonte: O Estado de S. Paulo.
Edição: 25 de junho de 1986, página 54

Em depoimento, a pessoa identificada pelas siglas S.S.M.K diz que "entrou ao Brasil em 79, a pé, pela Ponte da Amizade [...] afirma ainda que, nestes dois anos, não teve residência fixa, escondendo-se temporariamente em casas de coreanos". O trecho do jornal ainda destaca que "O último visto de seu passaporte é boliviano e data de 1979. Mas isto, de acordo com um agente: não significa muita coisa, pois muitos desses estrangeiros entram clandestinamente também no Paraguai".

A outra fonte destaca que "Eles somam agora 35 mil, sendo 28 mil apenas no estado de São Paulo. Em 1982, eram cerca de 20 mil e muitos chegaram à Capital vindos do Porto Stroessner, no Paraguai, ou de Ponta Porã, em Mato Grosso do Sul. Como na Ponte da Amizade era grande a vigilância, centenas de coreanos atravessaram, de barco, o rio Paraná". Voltamos a enfatizar que a imigração para o Brasil foi dificultada em 1972 em razão da medida restritiva tomada pelo governo brasileiro. Durante a viagem muitos imigrantes foram detidos e deportados para o Paraguai.

Figura 5: Mapa recriado por Keum Joa Choi com base nos dados da Folha da Tarde e Folha de S. Paulo.



Fonte: Ramão, gomes portão - Dossiê amarelo", Folha da Tarde, São Paulo, 6, 7, 8, 9 e 11 de julho de 1977. M. Cruz - "Coreanos entram irregularmente, via Paraguai", Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 de março de 1982.

Aqui está outro ponto importante: segundo a historiadora Choi (1991, p.113), muitos coreanos, por medo de enfrentar a fronteira, resolveram estabelecer-se na Ciudad Del Este/Paraguai. A população que chegou ao Brasil, principalmente em São Paulo, é a população que clandestinamente, teve que enfrentar os desafios e contar com a ajuda dos imigrantes coreanos já estabelecidos, principalmente com auxílio e abrigo junto às igrejas coreanas. Relatos de entrevistas disponibilizados por Choi (1991) também nos evidenciam que parte da população contou com apenas um integrante da família partindo para o Brasil e o restante se estabelecendo em Ciudad Del Este.

Os problemas em enfrentar uma situação clandestina no Brasil, beirava a desumanização, desde a saúde debilitada à invasão de privacidade. Os relatos nos evidenciam os desafios enfrentados. Um dos casos foi a “Operação Clandestinos” realizada pelo DOPS em 1977 ao invadir qualquer propriedade que fosse “suspeita”. As autoridades brasileiras ao investigar situações ilegais de chineses e coreanos, mobilizaram o DOPS, a política federal, SNI, DOI e autoridades militares estendendo a busca de clandestinos até Mato Grosso, Goiás e Santa Catarina (CHOI, 1991, p.118).

Kyung Soo Oh em depoimento para Choi (1991), expressa o seguinte: “Tive sorte. Muitos clandestinos coreanos, que eram presos, acabavam sendo deportados para o Paraguai. Documentos: eu sonhava com eles. Todos sonhavam. Eram passaporte para uma vida mais tranquila” (CHOI, p. 119). Outros depoimentos nos demonstram o medo que assombrava a clandestinidade no contexto dos anos 70. Podemos entender aqui, o motivo pelo qual muitos coreanos continuaram no Paraguai, ou permaneceram em Ciudad Del Este entre a fronteira durante os anos 70 e 80. É possível compreender a violência empreendida nos anos 70 por meio de depoimentos/relatos como os externados no trabalho de Choi em 1991.

Choi (1991) menciona que os coreanos a partir de 1975 passam a ocupar as páginas de famosos jornais brasileiros. Resolvemos ir atrás de alguns jornais para notar essa presença. Na primeira imagem vemos o jornal O Estado de S. Paulo, com a citação sobre a população coreana atraída por São Paulo por conta do ramo da confecção como citado acima, tendo o Paraguai como rota de entrada:

Figuras 6 e 7:



Fonte: O Estado de S. Paulo.
 Edição: 02 de Junho de 1984. página 36.

Figura 8 e 9:



Coreanos e chineses, a maioria nas filas do DPF



Em pequenos grupos silenciosos, papéis na mão, eles aguardam diariamente cerca de quatro horas em aban-donar por um único momento as dependências da sede da Polícia Federal, na rua Piauí: são os estrangeiros que estão regularizando sua situação no País, e, para eles, essa espera é só um prazer. Há portugueses, argentinos, africanos e libaneses, mas a grande maioria é formada por coreanos, chineses e chilenos.

Segundo um funcionário da Polícia Federal, logo nos primeiros dias da entrada do registro — que começou em 15 de dezembro — os coreanos apareceram em massa: “Já os chineses, mais desconhecidos, agora é que nos estão procurando”. Também com relação ao mês de dezembro, as filas diminuíram, mas de chegada, um número de identificação. A partir daí, pode aguardar, sem necessidade de colocar-se em fila, a sua vez de ser atendido.

Quando os papéis estão em ordem — formulário preenchido e acompanhado de passaporte com xerox de todos os vistos de entrada e saída e de um documento que prove residência no Brasil anterior à aprovação do Estatuto dos Estrangeiros, em agosto de 80 —, a liberação é rápida. Em grupos de 10 ou 15, os formulários são assinados pelo delegado da Polícia Federal e, em seguida, os estrangeiros são chamados para tirar impressões digitais e receber o registro provisório. Alguns fingem de felizes que, por momentos, perdem o medo de se expor e comemoram pulando, chorando ou beijando funcionários da Polícia Federal.

O chinês Y. T. F., por exemplo, recebeu o registro, seguiu a mão de um agente e beijou vários vezes funcionários durante três anos, sobrevivendo à má de boca, pois não pode ser con-sultado regularmente em empresa nenhuma, ele agora diz que vai sair entrar na escola, “para aprender português”.

Outra chinesa de 35 anos, acompanhada do filho e de outros parentes já regularizados, não teve a mesma sorte. Ela conta que veio de Formosa, vivia no Paraguai durante dois anos, mas é reticente quando fala sobre sua chegada a São Paulo. Só conversa em castelhano e diz que pagou 200 dólares para um líder brasileiro atravessar, com ela e o filho, a Ponte da Amizade, não se lembrando da data precisa. Conseguiu o atestado de residência no distrito do Cambuci e parece não entender quando um funcionário da Polícia Federal explica que ela será de retornar, pois surgiram dúvidas quanto à sua residência.

Enquanto entre ir embora com os parentes ou permanecer nas dependências da Polícia Federal, ela se queixa: “Machucada, machucada, sempre machucada”. Atravessa a rua e compra um sorvete por Cr\$ 100 exatamente no mesmo local onde, momentos antes, um argentino pagava Cr\$ 50. E essa exploração cresce de acordo com a dificuldade de o estrangeiro se expressar em português. Além de sorvetes e sanduíches, vários aproveitadores, instalados nas proximidades, cobram preços exorbitantes pelo preenchimento dos formulários (que só pode ser a máquina), por fotos 3x4 e até pela plantação do registro.

Acompanhada da filha brasileira de um ano e meio, os uruguaios Carmen de Meho e Derby Vives estavam muito felizes. No Brasil há cinco anos, eles viveram muito tempo utilizando o artifício da revalidação contínua do visto de turista, viajando a cada três meses, para o Uruguai. Carmen é costureira e Derby, músico, e ambos estão trabalhando atualmente na Companhia Mi Buenos Aires Querida. No entanto, com o registro provisório, decidiram mudar de profissão e abrir uma loja de roupas em Goiânia, onde têm muitos amigos.

Já a chilena Ana estava aguardando apenas o registro para voltar a casa da família em Santiago e fixar-se definitivamente no Brasil. Com dois filhos — a filha, de 14 anos, está cursando o oitavo série e fala português fluentemente —, Ana mora em Taboão da Serra e não pretende sair de lá nunca mais. “Não existe gente melhor”, assegura.

Muito tímida, sem o costume de conversar com brasileiros, a coreana Lee, de 25 anos, está há seis em São Paulo e, como centenas de outros coreanos, viveu algum tempo costurando em oficinas clandestinas sem coragem para sair à rua. Ela explica que chegou ao Brasil de ônibus, via Ponte da Amizade, junto com a mãe e três irmãos, “passando muito dinheiro”. Agora, com sua situação regularizada, não pretende mudar de emprego — “aprendi a costurar e vou continuar costurando”.

Quem não pretende alterar nada em seu ritmo de vida com o registro provisório é o espanhol José Fernandes, que já viveu no Brasil quinze anos, viajando depois para a África do Sul. Com a morte do pai em dezembro, José Fernandes e Edília, sua mãe, decidiram fixar-se em São Paulo, onde reside parte da família e um irmão, proprietário de uma firma para manutenção de elevadores. José Fernandes não tem planos, só um desejo: “Viver aqui e ser feliz”.

Fonte: O Estado de S. Paulo. Edição: 06 de Fevereiro de 1982 Página 38.

Algumas fontes nos mostram a questão do medo, o esconderijo, a situação clandestina, em 1984 o jornal expressa:

Quantos são, ninguém sabe. Nem a polícia. Eles foram chegando nos últimos anos, fugindo sempre da instabilidade política e dos conflitos do Oriente e do Cone Sul, numa aventura que quase sempre passa pelo Paraguai e pode terminar em um esconderijo de Aclimação ou em um cortiço no Brás. São chineses, coreanos, chilenos, clandestinos, homens sem pátria, explorados, que vivem sempre com muito medo de serem descobertos [...] mas eles existem. E se os latinos-americanos ainda conseguem circular pelas ruas em busca de ajuda, nem isso os coreanos podem fazer. Denunciados pelo tipo físico e pela língua, centenas deles vivem escondidos em velhos sobrados de Aclimação, Cambuci, Liberdade [...]

No Brasil, a situação passou a assumir novas perspectivas com a Lei nº 6815 de 19 de agosto de 1980 que mudou a situação jurídica do estrangeiro no Brasil. Fukumoto (2017) evidencia que:

Em 1980, houve nova regulamentação da lei brasileira de imigração, e cerca de 4.500 sul-coreanos encontravam-se em São Paulo em situação irregular. Estes sul-coreanos e outros 2.500 em 1989, que ilegalmente entraram no país, via Paraguai, foram anistiados e tiveram sua situação regularizada. (FUKUMOTO, 2017)

De fato, com a Lei nos anos 80, existe uma diminuição nos desafios que atravessam a vida de milhares de imigrantes que puderam celebrar sua situação legalizada. É o caso do depoimento de Kyung Soo Oh, ao receber seu documento provisório relata que “para mostrar ao mundo que agora estava com minha situação legalizada, tive vontade de colocá-lo na testa” (CHOI, 1991, 121), de forma parecida escreve o jornal O Estado de S. Paulo em 1982 (imagem acima) ao relatar que “alguns ficam tão felizes, que, por momentos, perdem o medo de se expor e comemoram pulando, chorando ou beijando funcionários da polícia federal”.

Entretanto, certamente não cessam todas as dificuldades de obtenção de documentação para situação legalizada. Além disso, é possível notar a linguagem esdrúxula, usada pelos jornais ao se referir a uma questão de extrema importância que atravessa a vida de milhares de

pessoas. É importante observarmos a comunidade sofrendo denúncias por ser marcada “pelo tipo físico e pela língua”, nos escancarando o racismo/xenofobia com as comunidades asiáticas, violência ainda comum mesmo sendo caracterizado como crime.

Atualmente, de acordo com os dados do Ministério das Relações Exteriores e Comércio, os locais com maior população sul-coreana no Paraguai são Assunção com 4.540 pessoas e Ciudad del Este com 528. Na análise do historiador Fidel Miranda Silva (2007) os fatores do enorme fluxo migratório na região de Ciudad Del. Este se devem a criação do espaço de livre comércio em 1979, a Hidrelétrica de Itaipu em 1984 e a consolidação da zona franca em 1990. Podemos considerar a Ciudad del Este uma cidade constituída sobretudo por migrantes transnacionais e internos, além disso, podemos compreender a cidade como polo comercial e, portanto, cabe aqui compreendermos este local caracterizado pelo comércio fronteiriço e constituídos de pessoas diversas. Aqui se faz necessário uma compreensão sobre a presença coreana nesse espaço, portanto, é sobre este tema que entraremos a seguir.

4. Relações na fronteira: a Igreja Coreana e o comércio fronteiriço

“As igrejas e os restaurantes coreanos são os locais em que se realizam as principais atividades da comunidade: os restaurantes não se limitam a servir refeições, nem as igrejas a realizar serviços religiosos” (CHOI, 1991, p. 191)

A presença sul-coreana na fronteira entre Brasil e Paraguai é notadamente maior em alguns estabelecimentos específicos, predominando no âmbito da rede comercial de alimentos, podendo incluir restaurantes e mercados. Ao circular pelas ruas da Ciudad Del Este facilmente encontram-se mercados e restaurantes coreanos, entre eles: JINMI korean restaurante, SURA Restaurante, KFOOD CDE, Mam Mam, Orion Market. Já na região de Foz do Iguaçu localizamos o restaurante Korean House fechado desde o período da pandemia do COVID-19. Outro restaurante é o Kim’s Food, no qual relata em suas redes sociais as dificuldades na operação do restaurante devido a pandemia e as circunstâncias financeiras.

Por outro lado, temos a presença da comunidade em outras instituições, como a igreja, sendo o caso da “Iglesia Coreana del Evangelio Pleno” localizada na Ciudad del Este. Neste trabalho, entre os locais identificados, nos parece ser a igreja um dos mais potentes espaços de

sociabilidade da comunidade coreana da região da fronteira, marcada enquanto local de celebração, integração e divulgação da própria cultura.

O último censo da Coreia do Sul (2015) demonstrou que atualmente a religião predominante na Coreia do Sul é a protestante com 19,7%. Em seguida está o budismo com 15,5%, de grande influência nos costumes culturais e sociais do país, até 2005 o budismo assumia o primeiro lugar. Para Choi (1991) a imigração coreana pode ser caracterizada como “imigração protestante”, observa-se que o protestantismo marca a comunidade coreana nos respectivos países em que se estabeleceram.

No caso de São Paulo, maior comunidade coreana no Brasil, é possível observar de acordo com as tabelas disponibilizadas por Choi (1991) a organização ao longo de 22 anos (1964 até 1986) de 29 igrejas protestantes apenas na cidade de São Paulo (Brasil), já o estudo mais recente de Silvania Maria Portela Silva (2009), ao longo de 50 anos, observa-se 71 templos evangélicos, apenas 1 templo budista e uma igreja católica, apresentando uma tendência religiosa protestante dentro da comunidade, marcando assim uma expressiva comunidade imigrante constituídos por protestantes.

Precisamos aqui evidenciar o trabalho “Além do Arco-Íris: A Imigração Coreana no Brasil” (1991) da intelectual Keum Joa Choi. Choi nos mostra o papel importante da igreja para a comunidade coreana em São Paulo, com seu trabalho podemos estender sua pesquisa para pensar a partir do papel das igrejas na região de Ciudad del Este. De acordo com Choi, a igreja para a comunidade coreana, ultrapassa os limites da religião, e, além de atuar como local de convivência, ela também fornecia apoio financeiro, psicológico, ou seja, acolhendo e integrando a comunidade.

A “Iglesia Coreana del Evangelio Pleno” em Ciudad Del Este/Paraguai pertence à Igreja Evangélica União das Assembléias de Deus. A igreja foi levantada como um anexo da Igreja do Evangelho Pleno de Yoido de Seul/Coreia do Sul. David Yonggi Cho (1936 -2021) foi o fundador em 1958 da Igreja do Evangelho Pleno de Yoido, considerada a “maior igreja do mundo” ligada à Assembleia de Deus.

De acordo a própria Igreja Coreana do Evangelho Pleno em C.D.E: sua fundação aconteceu em setembro de 1986, atualmente conta com 100 adultos e cerca de 30 crianças coreanas (entre crianças e adolescentes), com cultos na língua coreana e um dia na semana com cultos no idioma espanhol. A grande maioria são pessoas da Ciudad Del Este, entretanto, de acordo com o relato da Igreja, o local conta com aproximadamente 20% de frequentadores que vivem na cidade de Foz do Iguaçu/Brasil. Além disso, contam com quatro igrejas adjacentes encarregadas das reuniões e educação de cerca de 200 adultos e 150 crianças. As quatro igrejas

adjacentes chamam-se: Iglesia Roca eterna, Iglesia Antorcha de Fuego, Iglesia Emmanuel e Iglesia Onnuri.

Percebemos que no Brasil e no Paraguai, além de outros países, que a igreja protestante coreana possui uma enorme presença e influência entre as comunidades coreanas em suas diversas diásporas, no caso de São Paulo (Choi, 1991), isso se deve principalmente devido ao auxílio prestado aos imigrantes que chegavam em novo território.

As comunidades da diáspora coreana, como nos aponta Mera (2011), pode nos trazer diversas dimensões em diferentes contextos, a historiadora nos traz três dimensões para serem analisadas: concentração econômica e concentração espacial em "bairros" e transformações em cada um dos contextos locais; práticas comunitárias para manter a cultura de origem através de gerações durante um longo período de tempo (o que envolve a reprodução de certos valores culturais); Relações materiais e simbólicas no espaço diaspórico: múltiplas mobilidades e remigração. Alguns destes aspectos foram importantes para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A mobilização acerca das funções sociais da igreja no Brasil nos ajudam a compreender e fazer um paralelo com a igreja em Ciudad Del Este, entretanto, não podemos deixar de mencionar o caráter singular desses espaços. Certamente, existem similaridades entre as comunidades coreanas em cada uma das suas diásporas, mas também singularidades. As comunidades nos espaços diaspóricos podem ser identificadas com suas especificidades. Evidentemente não estamos falando aqui sobre as vivências individuais das pessoas que constituem a comunidade, estas, naturalmente tem suas próprias articulações e processos individuais que transpassam a comunidade.

Estamos falando aqui sobre o que permeia os aspectos de uma comunidade que se articulam de formas diversas em cada país/cidade/bairro. Podemos citar aqui algumas particularidades comuns entre as comunidades coreanas nas suas diásporas, como as que são enfatizadas por Mera (2011) ao mencionar que os elementos constitutivos entre as comunidades são: a família, a igreja e as associações de residentes: “*De hecho, en la mayoría de los países, a los pocos años de la llegada ya existen iglesias coreanas y una o varias asociaciones de residentes*” (2011, p. 50). Podemos afirmar que as comunidades coreanas são identificadas por uma formação de redes de sociabilidade étnica e a formação de associações comunitárias. Mera expressa que:

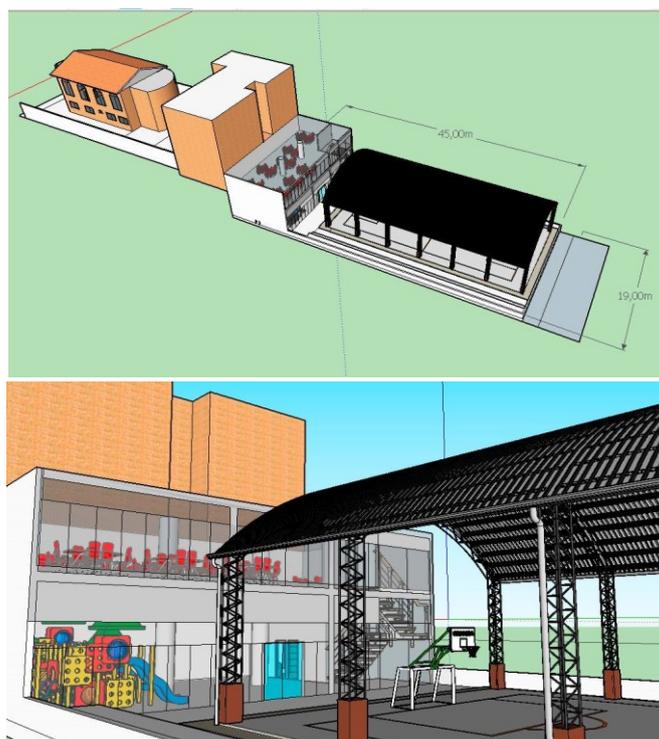
Son éstas las instituciones encargadas de transmitir y recrear la cohesión grupal diseñada, más o menos espontáneamente por los líderes comunitarios. Las familias y las iglesias crean la cohesión intracomunitaria, y las asociaciones de residentes se encargan del diálogo con los actores de la sociedad local. **Las tres instancias institucionales se estructuran y**

estructuran redes transnacionales. De acuerdo a la etapa de instalación en el país local y a las condiciones de Corea al momento de emigrar, va cambiando el rol de estas instituciones y las estrategias de construcción identitarias que se amoldan a las diferentes circunstancias (MERA, 2011, p.50)

Essas redes transnacionais atravessam o âmbito econômico, religioso, afetivo e cultural, envolvendo as dimensões institucionais com as igrejas e as associações, e também a dimensão pessoal e familiar. Neste trabalho, acionamos a igreja por ser uma instituição de grande influência localizada no âmbito da região da fronteira. A igreja aqui, pode ser reconhecida enquanto espaço social que fortalece as redes de pertencimento. A Iglesia Coreana del Evangelio Pleno em Ciudad Del Este é um desses espaços que transpassam as funções religiosas. Identificada com características próprias, desde sua estrutura física e seu espaço cultural, educacional e de convivência.

A Iglesia Coreana Del Evangelio Pleno não exerce a função de um local apenas para práticas religiosas e exercício da fé, mas um espaço educativo e cultural. Além da área da igreja, o local conta com um grande ginásio poliesportivo, a escola dominical coreana e a cozinha/restaurante. Além disso, conta com um “Centro de Visión” (Centro Integral de Bienestar Social), contando com espaço educativo de acolhimento, integração, onde se realizam aulas, eventos e confraternizações.

Figuras 10 e 11: Planta de estrutura física da Iglesia Coreana del Evangelio Pleno



Fonte: Acervo público da Iglesia Coreana del Evangelio Pleno

Identificamos a Igreja Coreana del Evangelio Pleno como um espaço de socialização e uma rede interna da própria comunidade. No trabalho de “A diáspora coreana: o caso brasileiro” já citado anteriormente, com base nos estudos de Oswaldo Truzzi (2001) pensando o papel da igreja em São Paulo, vemos que: “Muito mais que simplesmente oferecer serviços religiosos, as igrejas constituem o local por excelência do contato para diversas experiências”. Desde a recepção para recém-chegados como local de integração aos já estabelecidos, bem como oportunidades de trabalho, novas relações de amizade, ensino sobre a cultura, a história e a língua do país de origem e a língua do novo país, além disso, organizam-se torneios esportivos e outras atividades de lazer, discute-se a educação dos filhos, arranjam-se parceiros para casamentos. Além disso:

Assim, mesmo os menos inclinados à fé costumam frequentá-las, ainda que esporadicamente, pois do contrário corre-se o risco de permanecer à margem da comunidade, as igrejas cumprem, portanto, uma espécie de papel mediador entre a cultura original e a adquirida (MINEO; ARAÚJO, p.7, 2019 apud TRUZZI, 2001, p. 152).

A historiadora Choi (1991) nomeia a igreja coreana como o “*centro das atividades da comunidade*”. A autora expressa que mesmo as pessoas que não professavam a religião acabavam por converter-se para não se sentirem isolados dos demais conterrâneos (1995, p.660). No caso brasileiro, Keum Joa Choi cita algumas razões que explicam a relação da comunidade coreana com o protestantismo, entre elas: nenhuma outra instituição foi criada para auxiliar os imigrantes oficialmente; na igreja os coreanos tinham a possibilidade de se comunicar sem se preocupar com a barreira linguística; tinham a infraestrutura necessária para estabelecer-se na sociedade brasileira (desde alimentação, moradia até a independência econômica).

Em São Paulo as igrejas eram um ponto de segurança e eles denominavam de “igreja dos imigrantes” ou “igreja dos coreanos” pois essas igrejas tinham suas características próprias com redutos naturais de cultural em razão da convivência entre os membros: “A igreja significava o encontro com os conterrâneos, com a cultura e com os costumes a que estavam acostumados” (CHOI, 1995, p.660). Além disso, a igreja protestante coreana teve um papel central no auxílio financeiro e psicológico aos novos imigrantes que chegavam, além de fortalecer a convivência social e étnica. Nesse sentido, o estudo de Choi (1991) sobre o protestantismo, nos possibilita um paralelo para pensar a presença da “Iglesia Coreana del Evangelio Pleno” na Ciudad Del Este/Paraguai.

Em 2018 e 2019 foram realizados dois grandes eventos, respectivamente 1ª e 2ª “Korea Festival”. O 1º *Korea Festival* ocorreu em 20 de outubro de 2018, organizado pela própria

“Iglesia Coreana Del Evangelio Pleno en C.D.E” e a K-Food Paraguai. O Festival ocorreu no ginásio poliesportivo da igreja. O 2º Korea Festival foi realizado no dia 26 de outubro de 2019 e ocorreu no mesmo local. Foi organizado pelo “CDE Vision Center” (Centro Integral de Bienestar Social). De acordo com a própria divulgação do evento, o *Korea Festival* tem entre seus propósitos: “promover a excelência da cultura coreana”, “o intercâmbio entre a Coreia e o Paraguai, e principalmente: “compartir el amor”.

Vimos no estudo do papel da igreja coreana em São Paulo uma possibilidade de compreendermos a função social que exerce a Iglesia Coreana Del Evangelio Pleno. A construção de um ginásio Poliesportivo da Igreja e a existência de um Centro integral de Bienestar Social nos mostra que a igreja em Ciudad Del Este, bem como acontece em outros espaços de imigração, cumpre uma função social, portanto, para além das funções religiosas.

O *Korea Festival* nos dois anos foi um evento de apenas um dia, mas com intensa interação cultural, integração e divulgação da cultura coreana. Entre as atividades realizadas estavam a apresentação de danças tradicionais como *Buchaechum* (부채춤)⁶ e "*Sogo Chum* (소고춤) apresentada por adolescentes e crianças. Apresentação de Música Instrumental Tradicional Coreana "*Samulnori*" (사물놀이) com utilização do instrumento musical *Kkwaenggwari* (꽝과리), realizada por adolescentes da igreja. *Kokdugagsi Chum* (꼭두각시춤) apresentado por crianças da Escuela Dominical de la Iglesia Coreana del Evangelio Pleno en C.D.E.

Exibição da Arte Marcial Coreana *Taekwondo* (태권도) apresentado pela Academia de Taekwon-do I.T.F. GE-BAEK e crianças da igreja. O Festival também contou com um espaço para que as pessoas vestissem o *Hanbok* (한복)⁷, tradicional e famosa vestimenta coreana. Contou com espaços de alimentação, contendo comidas típicas como o *Kimbab* (김밥), *Teokbokki* (떡볶이), *Pajeon* (파전), *Dakgangjeong* (닭강정), Hotdog coreano, *Janchi guksu* (잔치국수) e *Kimchi* (김치).

Podemos observar nas fotografias (em anexo) as bandeiras de Paraguai e Coreia do Sul levantadas na parede do *Korea Festival* nos dois anos de festival. Além disso, notou-se pelo público do evento que a presença de pessoas de Foz do Iguaçu/Brasil está relacionada principalmente com admiradores da cultura pop sul-coreana. Não podemos afirmar aqui sobre

⁶ As apresentações se encontram disponíveis no modo público no Youtube pelo Canal Korea Festival e em suas redes do Facebook <https://www.youtube.com/watch?v=R6j-AqO8Vx8>

⁷ Hanbok (한복) a vestimenta é presente na história coreana a há mais de 1600 anos, atualmente é mais usado em datas celebrativas como o feriados como o Chuseok e o Seollal (Ano Novo Coreano). O Dia do Hanbok é celebrado em 21 de outubro.

a presença da comunidade coreana do Brasil e sua integração no evento, mesmo que a comunidade circule entre as cidades nas fronteiras, sabemos que é um evento expressamente paraguaio/coreano.

Além de atividades culturais, alimentos e artefatos da cultura coreana, o Festival nos dois anos contou com um concurso de dança de K-pop. O 2º Korea Festival contou com a presença de oito grupos⁸, de acordo com a própria organização do evento: “algunos son de Asunción, algunos de Presidente Franco, otros de Foz de Iguazu y otros de nuestra ciudad”. Portanto, o festival cultural em Ciudad Del Este se torna local de integração entre as cidades da fronteira. Podemos perceber que parte da comunidade coreana que vive em Foz do iguaçu é frequentadora da igreja coreana da Ciudad Del Este. A Iglesia Coreana Del Evangelio Pleno torna-se referência de local de celebração e integração, com funções sociais e culturais que superam o limite da igreja enquanto local apenas para práticas religiosas e exercício da fé, com exemplo temos seu ginásio poliesportivo e o “Centro de Visión” (Centro Integral de Bienestar Social). Como Choi destaque:

Atualmente, as igrejas protestantes não são mais simples lugares para serviços religiosos. Como veremos, elas assumiram múltiplos papéis, inclusive seculares. São importantes pontos para várias atividades sociais, e suas atividades comunitárias compõem a mais importante faceta da vida comunitária dos coreanos no dia a dia. (CHOI, 1991. p.159)

Com base na discussão de uma possível integração, trazemos aqui alguns questionamentos. Na região da fronteira podemos fazer tal divisão: comunidade coreana no Brasil de um lado e de outro, comunidade coreana do Paraguai? Até que ponto elas se integram? A dinâmica comercial da fronteira seria fator para a comunidade transitar entre as duas localidades se integrando em ambas? Para responder essas questões, pensamos em alguns aspectos da fronteira que seriam fatores de mobilidade entre a comunidade dos dois lados. Podemos pensar a partir da noção de que a região de fronteira pode ser marcada pelas relações econômicas, pessoais, culturais, de trabalho ou religiosas etc.

Precisamos aqui pensar sobre a Ponte da Amizade, sendo um canal de comércio de extrema influência de ambos lados. De acordo com Márcio Roberto Coelho dos Reis (2015), principalmente se tratando do trabalho na Ciudad Del Este, brasileiros atuantes no comércio atravessam a Ponte todos os dias e ao fim do expediente retornam ao Brasil. Além disso, também há pessoas que moram no lado do Paraguai e vão trabalhar no Brasil.

⁸ Os oito grupos que contam com pessoas do Brasil e Paraguai são os seguintes: Krown, Spring Rise, IRYS, Wings, Rumble, ROY4LTY, Red Line e BlackShadow.

Se pensarmos a influência cultural e educativa do Brasil na região do Paraguai vamos poder observar que as pessoas em Ciudad Del Este também se deslocam para a região de Foz de Iguaçu por motivos pessoais permitido pela liberdade entre as fronteiras, como a possibilidade de famílias de Ciudad Del Este matricularem crianças/adolescentes em escolas de Foz do Iguaçu. O trabalho de Gilvan Müller de Oliveira para discutir multilinguismo e plurilinguismo no Brasil utiliza em seu trabalho a região fronteira como exemplo, o autor expressa que:

em Ciudad de Leste, no Paraguai, um comerciante coreano pode se valer de várias línguas no seu dia de trabalho: fala português com um cliente brasileiro, vira-se para o lado e fala coreano com a sua filha, e um minuto mais tarde dirige-se em guarani a um carregador de mercadorias” (OLIVEIRA, 2016, p. 65)

Comumente, ao andar pelas ruas de Ciudad Del Este, as pessoas facilmente confundem-se sobre a nacionalidade das pessoas envolvidas no comércio, seja nas ruas, mercados ou restaurantes. A partir dessa análise podemos refletir de que forma esses espaços de fronteira, marcados pela pluralidade e diversidade, promovem um espaço em que as comunidades se integram. Voltamos com a pergunta: na região da fronteira podemos separar a comunidade coreana entre a brasileira e a paraguaia? Um dos fatores que não nos permitem essa divisão entre a comunidade pode ser a noção das relações comerciais no espaço de fronteira. Supomos neste trabalho que apesar de diferentes nacionalistas, a região da fronteira permite na prática a relação e integração dessa comunidade com ambos espaços.

De acordo com o trabalho de André Luiz Ramalho Aguiar: comunidades estrangeiras como a sírio-libanesa, coreana e brasileira, trabalham em Ciudad del Este, porém residem e mantêm suas relações sociais em Foz do Iguaçu (AGUIAR, 2021, p. 41). Ou seja, com a ponte que conecta as duas cidades torna-se comum pessoas de Foz de Iguaçu trabalharem no comércio do outro lado da fronteira e vice-versa.

Fernando Rabossi (2004) trouxe análises minuciosas sobre a região de fronteira, nos demonstrando a importância das áreas comerciais conectadas pela Ponte da Amizade e as duas cidades. É possível identificar que sim, o trabalho é central como conexão nesses espaços, entretanto, é necessário pensar a autonomia dessas pessoas que vivem em espaços fronteiriços e que partem de um território ao outro em busca de “liberdade, de novos lugares para viver, novas possibilidades de trabalho, novas possibilidades de produzir a própria vida” (CORSINI, 2006, p. 30).

Nesse sentido, ao olhar para a presença da comunidade sul-coreana na fronteira de Ciudad Del Este e Foz do Iguaçu, podemos compreender diferentes vivências, levando em

consideração que as experiências e pertencimentos culturais e sociais podem ser flexíveis na fronteira, se movimentando e interagindo entre os espaços.

5. Conclusão

A comunidade coreana e seus descendentes brasileiros e paraguaios existem na fronteira, suas histórias precisam ser conhecidas a partir da memória da própria comunidade, bem como, suas migrações entendidas em cada contexto histórico. A singularidade da fronteira, seu fluxo rápido e intenso nos apresenta o desafio de estudar histórias que se transformam rapidamente. Compreender a história da comunidade coreana na fronteira, especialmente a imigração, significa necessariamente o estudo de diferentes e diversos contextos, portanto, sendo necessário a noção do espaço fronteiro que está constantemente em movimento.

Existem muitas questões que a atual pesquisa não consegue responder, entre elas, se a igreja em Ciudad Del Este assume o papel de “*centro das atividades da comunidade*” na perspectiva levantada por Choi (1991). Ou sobre a existência de formação de bairros e associações como o são em outras comunidades diaspóricas coreanas. Outros estudos poderiam ser aprofundados ou iniciados, como um diálogo maior com intelectuais da tríplice fronteira, o estudo sobre a identidade diaspórica coreana, a xenofobia, a transnacionalização da religião, a zona franca no espaço da fronteira e outros.

Infelizmente, as poucas produções sobre o tema dificultaram o processo de pesquisa, bem como a impossibilidade de um trabalho com memórias – por meio de entrevistas como seria na proposta inicial. Felizmente, os paralelos com a bibliografia de estudos da imigração coreana em outras regiões foram fundamentais para um vislumbre de possíveis respostas. Certamente, podemos supor que a região fronteira cria singularidades na história da migração, com relações e integrações entre a (s) comunidade (s) coreana. Por fim, finalizo com expectativa de novos estudos e continuidades na pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, André Luiz Ramalho. **Ciudad del Este em tradução: interseções de linguagens, espaços e histórias do tempo presente.** Doutorado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, 2021.

ALTEMANI de Oliveira, Henrique; MASIERO, Gilmar. **Estudos Asiáticos no Brasil: contexto e desafios.** Rev. bras. polít. int. 48 (2) • Dez 2005. Disponível em: [SciELO - Brasil - Estudos Asiáticos no Brasil: contexto e desafios Estudos Asiáticos no Brasil: contexto e desafios](#)

CARNEIRO FILHO, Camilo Pereira. **A Geopolítica do Prata e a Construção da Tríplice Fronteira Brasil-Argentina-Paraguai.** Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território, 2014. Rio de Janeiro. Porto Alegre: Editora Letra1; Rio de Janeiro: REBRAGEO, 2014, p. 59-70.

CHOI, Keum Joa. **Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil.** 1991. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Disponível em: [1991_KeumJoaChoi.pdf \(usp.br\)](#)

CHOI, Keum Joa. **O papel da igreja dentro da comunidade coreana.** Revista Eclesiástica brasileira, FASC. 219 - Setembro/1995. p. 657-664.

CORSINI, L. **Repensando a identidade no contexto das migrações.** Psicologia e Sociedade; 18 (3), p. 23-33, set./dez. 2006

COREIA DO SUL. **Ministério das Relações Exteriores.** Statistics on overseas koreans. 2013. Disponível em http://www.mofa.go.kr/travel/overseascitizen/index.jsp?mofat=001&menu=m_10_40

FUKUMOTO, Lucio E. **Narrativas da imigração coreana em Foz do Iguaçu.** EICTI, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), 2017.

FOGEL, R. La región de la triple frontera: territorios de integración y desintegración. Sociologias. Porto Alegre, ano 10, n. 20, p. 270-290, jun./dez. 2008

RABOSSA, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira.** Tese de Doutorado. PPGAS-Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

MINEO ANTONIO, Bruna; CAMPOS ARAÚJO, José Renato. **A diáspora coreana: o caso brasileiro.** Revista franco-brasileira de geografia. Número 39, Dossiê Dinâmicas Territoriais e Gestão de Políticas Públicas, 2019.

MIRANDA SILVA, Fidel. **Historia de Alto Paraná, su historia, ciudades y recuerdos.** Ciudad Del Este: Editorial Servilibro, 2007. Disponível em: [Historia de Alto Paraná | PDF | Paraguay | Brasil \(scribd.com\)](#)

MERA, Caroline. **El concepto de diáspora en los estudios migratorios: reflexiones sobre el caso de las comunidades y movibilidades coreanas en el mundo actual.** Revista De Historia, (12), 43–56, 2011.

OH, Eung-Seo. **O sonho de Amazonas – memórias sobre os 40 anos da imigração coreana ao Brasil** (The Amazon Dream – memoirs of 40 years of the Korean Immigration to Brazil), São Paulo: Nammi Dong-A, 2004.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Línguas de fronteiras, fronteiras de línguas: do multilinguismo ao plurilinguismo nas fronteiras do Brasil.** Revista GeoPantanal, UFMS/AGB, Corumbá, Mato Grosso do Sul, N. 21, 59-72, Jul./Dez. 2016. Disponível em: . Acessado em: 14 marc. 2019.

PARK, Chae Soon. **La emigración coreana en América Latina y sus perspectivas.** Segundo Congreso del Consejo de Estudios Latinoamericanos de Asia y de Oceanía, Kyungnam University, 2007. Disponível em: [Wayback Machine \(archive.org\)](#)

SHOJI, Rafael. **Reinterpretação do Budismo Chinês e Coreano no Brasil.** Revista de Estudos da Religião Nº 3 / 2004 / pp. 74-87. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_shoji.pdf

SILVA, Sylvania Maria Portela. **Imigração coreana e protestantismo no Brasil diálogo entre identidade religiosa e identidade.** Dissertação de mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

FONTES DOCUMENTAIS

O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE 02 DE JUNHO DE 1984 - PÁG. 36. Disponível em: [O Estado de S. Paulo - Acervo Estadão \(estadao.com.br\)](#)

O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE 19 DE SETEMBRO DE 1982 - PAG. 33. Disponível em: [O Estado de S. Paulo - Acervo Estadão \(estadao.com.br\)](#)

O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE 06 DE FEVEREIRO DE 1982 - PAG. 38. Disponível em: [O Estado de S. Paulo - Acervo Estadão \(estadao.com.br\)](#)

O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE 25 DE JUNHO DE 1986, PÁG. 54. Disponível em: [O Estado de S. Paulo - Acervo Estadão \(estadao.com.br\)](#)

ANEXOS



Legenda: 2º Korea Festiva 2019
Fotografia:Hoon Park
Apresentação de Kokdugagsil



Legenda: 2º Korea Festival 2019
Fotografia:Hoon Park
Apresentação de Buchaechum



Legenda: 2º Korea Festival 2019
Fotografia:Hoon Park
Apresentação da arte marcial Taekwondo



Legenda: 2º Korea Festival 2019
Fotografia:Hoon Park
Apresentação de teatro por adolescentes da igreja



Legenda: 1º Korea Festival 2018
Fotografia:Hoon Park
Apresentação de Kokdugagsi Chum



Legenda: 1º Korea Festival 2018
Fotografia:Hoon Park
Apresentação de Sogo Chum



Legenda: 1º Korea Festiva 2018
Fotografia:Hoon Park
Processo coletivo de criação do alimento coreano



Legenda: 1º Korea Festiva 2018
Fotografia:Hoon Park
Barraca com alimentos para venda e degustação



Legenda: 1º Korea Festival 2018
Fotografia:Hoon Park
Apresentação musical de percussão Samulnori



Legenda: 2º Korea Festival 2019
Fotografia:Hoon Park
Apresentação musical de percussão Samulnori



Legenda: 1º Korea Festival 2018
Fotografia: Hoon Park
Ao fundo: Bandeiras Paraguai e Coreia do Sul



Legenda: 2º Korea Festival 2019
Fotografia: Hoon Park
Ao fundo: Bandeiras Paraguai e Coreia do Sul